

T. F. Passos

O lado sombrio do amor



O lado sombrio do amor

T. F. Passos

O lado sombrio do amor



Rio de Janeiro
2017



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo contido na sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

O lado sombrio do amor

Copyright © 2017, T. F. Passos

Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes

Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro

Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br

www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Marcio Maratoni

Ilustração de capa:

T. F. Passos

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P324L

Passos, T. F.

O lado sombrio do amor / T. F. Passos. 1ª ed. – Rio de Janeiro: PoD, 2017.

204p. ; 21cm

Inclui índice

ISBN 978-85-8225-162-1

1.Ficção brasileira. I. Título.

17-45717

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

30.10.17

31.10.17

Dedicatória

Gostaria de agradecer a Deus em primeiro lugar, aos meus familiares e amigos que me incentivaram, aos meus filhos que mesmo pequenos me encorajaram a seguir e não somente agradecer, mas deixar claro que toda a minha inspiração surgiu através de alguém que eu jamais conheci em vida, mas em outro plano espiritual. A ele devo o fim da procrastinação e um incentivo realmente de outro mundo, onde nem sempre é preciso ver para crer. Em homenagem a doce memória de Robert Z'Dar, eternamente em meu coração. Sem você eu não conseguiria.

Sumário

Dedicatória.....	5
Capítulo 1	9
Capítulo 2	33
Capítulo 3	55
Capítulo 4	69
Capítulo 5	81
Capítulo 6	103
Capítulo 7	111
Capítulo 8	127
Capítulo 9	135
Capítulo 10.....	143
Capítulo 11.....	163
Capítulo 12.....	175
Capítulo 13.....	185
Capítulo 14.....	203

Capítulo 1

Quem via Sheryl Madison feliz, naquela grande e bucólica casa de campo, cozinhando e olhando pela janela, enquanto a pequena Valentina brincava no jardim da frente, jamais poderia imaginar o que lhe havia acontecido há alguns anos. Era início de outono, ano de 1991. Os dias ensolarados, porém, frios, e a felicidade dela e daquela pequena criança era visivelmente notória. Quando aquele homem chegou, a alegria de ambas aumentara. A pequena Valentina correu para os braços dele. Um homem alto, muito alto! Cabelos castanhos escuros, quase pretos e olhos verdes. Com aquelas mãos imensas a levantou como num impulso e a segurou em seus braços. A pequena falava:

— Papai, papai! O que trouxe para mim? — Ele, com voz grossa e um sorriso no rosto, lhe respondeu:

— Venha para o papai. Hoje não lhe trouxe nada! — A menina entristeceu-se, mas logo riu-se outra vez quando viu que o pai havia lhe pregado apenas uma peça:

— Você acha que o papai não iria lhe trazer nada? Olha, veja só que linda. E voltando para o carro com a pequena no colo, mostrou-lhe uma boneca de porcelana. A pequena olhou extasiada, e beijou-lhe a face com ternura, agradecendo o lindo presente. Ainda no carro, o homem inclinou-se para o banco detrás para pegar algo. Um buquê de rosas amarelas e, com a pequena Valentina, seguiu para o interior da casa onde encontrava-se Sheryl. O homem entrou, colocou a criança no chão, foi até ela e entregou-lhe o buquê. Sheryl, ao receber tanto mimo, atirou-se nos braços daquele homem enorme, beijando-o com ternura. Tudo parecia perfeito e aquela família realmente feliz e realizada. Assim seguiam-se os dias. Nada muito novo. A vida deles resumia-se a coisas cotidianas, porém nem tanto. Eles viviam afastados da cidade e também afastados de outras pessoas na pequena e pacata cidade de Floyd, Virginia. Uma casa de fazenda isolada e silenciosa. A pequena Valentina estudava no condado próximo e Sheryl, todas as manhãs, a levava na escolinha e a pegava à tarde. À noite, todos se reuniam em casa e conversavam, riam... Eram felizes! Numa noite de sábado, após a pequena Valentina dormir, Sheryl deitou-se ao lado daquele homem e olhando nos seus olhos fixamente lhe disse:

— Nunca pensei que te amaria tanto. Às vezes é como um sonho tudo que estamos vivendo.

— Não é sonho, minha querida. É realidade. Se você nunca imaginou me amar assim, imagina eu? — Concluiu. — Eu preciso olhar para você e para a nossa filha para acreditar que é real. Vocês são a razão da minha vida, o sentido dela. É por vocês que eu vivo e por vocês morreria...

Lágrimas escorreram dos olhos de ambos que logo em seguida beijaram-se e amaram-se apaixonadamente. Assim, tudo corria normal, até que um dia algo inesperado aconteceu. Algo que faria Sheryl lembrar do que lhe acontecera há exatos 4 anos, antes de ela estar vivendo aquela vida que mais parecia um conto de fadas. Ao chegar da escolinha de Valentina, como de costume, Sheryl entrou em casa e foi surpreendida por uma viatura de polícia com dois oficiais na porta. Ela parecia assustada, mas nem hesitou em fugir. Não havia como. Um dos homens a abordou:

— Senhorita Sheryl Madison? — Sheryl gelou. Não! Aquilo não estava acontecendo. — Ela respirou fundo e disse:

— O que está acontecendo, senhor?

— Não adianta enganar a polícia, Sheryl. Você está presa por falsa identidade e por ser cúmplice de assassinato. — Sheryl ficou em estado de choque, enquanto era algemada por um oficial e o outro trazia a pequena Valentina. Ela gritava, exigindo uma explicação:

— O que está acontecendo? Responda-me!

— Seu suposto “marido”, Tony Tramell, está morto. Numa fuga alucinante trocou vários tiros conosco e o seu carro caiu de um penhasco. Não encontramos o corpo, mas duvido que ele tenha saído vivo daquela queda. Estávamos na cidade já há alguns dias no encalço de Tramell. Denúncias anônimas chegaram até a polícia daqui, que rapidamente nos acionou e, então, conseguimos encontrá-lo. Tony Tramell não quis se render. Infelizmente queríamos prendê-lo, mas ele não nos deu escolha.

— Não, isso não pode ser verdade! — Disse Sheryl gritando entre soluços incontroláveis.

— Eu sei que é difícil. Mas veja por um lado bom. A senhorita, com um bom advogado, poderá ficar isenta de tais acusações. Vamos levá-la de volta a Springfield, seus pais precisam saber que você está viva.

Aquilo parecia um pesadelo sem fim. Sheryl não estava acreditando na reviravolta que a sua vida teria dado de uma hora para outra; mas, sim, aquilo fatalmente aconteceria um dia. Histórias como a dela jamais poderiam ter um final feliz. Era a triste realidade. A história de Sarah, ou melhor, Sheryl e Tony começou há quatro anos. Uma história que, em breve, viria à tona assim que ela chegasse a Springfield. Ela já não chorava mais. Tinha ódio no coração e furor nos olhos, que ainda lacrimejavam, quando, no caminho, permanecia pensando em Tony. — Não, ele não está morto! — Dizia para si mesma. A criança foi levada à casa dos pais de Sheryl, que, até então, não sabiam de sua existência e, quando os oficiais explicaram o caso a estes, eles choravam e abraçavam a menina, ao mesmo tempo em que nada entendiam. Tentavam adaptar-se a mais nova realidade.

— Veja, Steven, nós temos uma neta. Que menina linda. — Venha querida, entre. Venha brincar com a vovó. Você deve estar com fome. — Entrou com a pequena, enquanto Sheryl olhava para seu pai que apenas lhe perguntou:

— O que aconteceu, filha? — Entrou na viatura para acompanhá-la à delegacia da cidade, onde lá ficaria presa até a determinação da justiça. Dois dias se passaram e a doutora Kate Whells fora visitá-la. Sheryl estava apática e muito abatida e, então, a advogada a olhou e disse:

— Senhorita Sheryl Ann Madison, sou a sua advogada, Kate Whells. Observe, o seu caso não será difícil. Você foi vítima de sequestro, estupro e permaneceu em cárcere privado por quatro anos. Iremos alegar isso ao tribunal e você logo estará livre para ficar com a sua família. — Sheryl levantou apenas os olhos e disse:

— Cárcere privado? Estupro? Vítima? — Gargalhou.

— Não estou entendendo, senhorita Sheryl, qual o motivo da graça?

— Meu nome é Sarah. Sarah Tramell. Sheryl morreu há quatro anos.

A doutora Kate sentiu dúvidas e, ao mesmo tempo, medo do que acabara de ouvir e principalmente do modo que Sheryl a olhava.

— Sheryl, eu preciso saber toda a verdade para que possa elaborar a minha defesa. Você quer ficar aqui? Sabe quantos anos de detenção pega uma pessoa acusada por cumplicidade em crime de homicídio? — Sheryl a olhou, meneou a cabeça e disse:

— Ok, você quer a verdade? Então, doutora, escuta porque a história é longa.

— Sou toda ouvidos. — Respondeu.

— Tudo bem. Vou lhe contar detalhadamente. Até porque se eu não me abrir com alguém vou acabar beirando a insanidade e, já que a doutora diz estar disposta a me ajudar, eu vou lhe contar. — E começou:

— Há exatos quatro anos, eu estava cursando a faculdade de psicologia. A minha vida era como as das demais garotas aqui da cidade. Universidade, balada e curtidão. Mas tudo mudou em uma noite. Ao sair de uma festa, um pouco embriagada, tentei sem sucesso abrir a porta do meu carro e seguir para casa. Não vi mais nada. Ao despertar estava em uma outra casa. Uma casa até confortável, mas toda fechada. Vedada realmente. A casa parecia ser especialmente construída para aquilo.

A advogada escutava a tudo atentamente sem piscar. Sheryl então continuou:

— Tentei me desamarrar de todas as maneiras. O ambiente estava à meia luz. Ainda estava sonolenta, mas pude ouvir alguém se aproximando. Era um homem alto, forte, e todo vestido de preto que me dizia: — Oi! Está confortável? — Bem, como estudava psicologia, tentei dela usar e o respondi:

— Se você folgasse essas amarras que me prendem, poderia até estar. Ele me olhou admirado, aproximou-se de mim, ajoelhou-se à minha frente e disse:

— Que tranquilidade, Sarah. Você não é como as outras!

— Sarah? Não! Deve estar havendo algum equívoco! Meu nome é Sheryl. Sheryl Madison.

— Equívoco? — Disse gargalhando. — Não há equívoco algum, “Sheryl Madison”. Seu nome agora é Sarah.

— Eu fiquei olhando assustada para ele e disse:

— Por que vais mudar o meu nome? Não lhe agrada?

O homem franziu o cenho e ainda à minha frente disse:

— Não entendo a sua calma. Você sabe quem eu sou?

— Saber eu não sei, mas faço ideia.

E não está com medo? Você não vai gritar e se desesperar como as outras?

— Não. Por quê? Vai resolver alguma coisa? Eu sei que vou morrer de qualquer jeito. Aquele homem decerto assustou-se ao ouvir aquilo; havia

ficado intrigado e, por incrível que pareça, foi espontâneo. Eu disse o que realmente sentia.

— Continue. — Disse a doutora Kate.

— Então, ele foi até a cozinha, pegou algo para eu comer e disse: — Coma. — Eu o olhei seriamente e respondi:

— Não estou com fome.

— Se você não comer agora eu não lhe darei nada mais tarde. Apenas dei de ombros, enquanto ele se afastava. Quando ele voltou, me pegou bruscamente pelo braço, me colocou num quarto e me trancou saindo em seguida. Depois de algumas horas ele retornou com alguém, uma garota que gritava bastante e fora assassinada ali.

— Você a viu? — Perguntou a doutora Kate.

— Não. Apenas ouvi gritos, pancadas e logo em seguida um profundo silêncio. Depois ele abriu a porta do quarto que eu estava e me serviu a comida que eu, algumas horas atrás, havia recusado. Ele estava todo sujo de sangue. Quando vi, fiquei assustada, mas procurei não demonstrar e muito menos contrariá-lo. Sabia que seria a próxima, mas não ousei perguntar e, quando ele me ofereceu a comida, eu comi sem hesitar.

— Você comeu mesmo vendo ele sujo de sangue?

— Sim. Como disse, não quis contrariá-lo.

— Prossiga:

— Os dias que se seguiram foram todos assim. Ele sempre levava uma garota para aquela casa e a assassinava. Eu nunca as via, mas as escutava. Um dia ele trouxe uma garota muito parecida comigo e logo a reconheci. Era uma modelo em início de carreira. As pessoas diziam que eu me parecia com ela, mas eu, particularmente, a achava mais bonita e muito mais alta. Ela ficou no mesmo quarto que eu por aproximadamente uma semana. Nos primeiros dias ela estava tensa e eu tentei acalmá-la dizendo que se ele a prendera ali, junto a mim, não pretendia matá-la, já que depois disso várias outras teriam sido assassinadas ali; mas Alice não se controlava. Chorava compulsivamente e gritava muito. Até que ele entrou no quarto, a pegou pelo braço e depois disso nunca mais a vi. Não ouvi gritos ou algo semelhante, mas tenho certeza que ela fora assassinada.

— Sim, foi! Alice Johnson. Seu corpo foi um dos primeiros a ser encontrado. Enterrado no quintal daquela casa, junto com mais 22 cadáveres

de moças da mesma faixa etária e em total estado de decomposição. — Respondeu a doutora Kate. — Mas... Prossiga:

— Durante os primeiros meses ali, naquela casa, presa, elaborei mil e uma maneiras de fugir. Tentei ganhar a confiança dele e, sempre que perguntava quando ele iria me matar, ele me respondia:

— Por que a pressa? Você não teme a morte?

— Não. Sei que esse será o fim de todos nós.

— Intrigante mocinha. A senhorita sempre tem resposta para tudo.

— Faz parte. — Respondi com um sorriso irônico. — Ele já estava começando a confiar em mim quando tentei a minha primeira fuga. Precisava ser ágil porque sabia que em algum momento eu seria a próxima. Como não ficava mais trancada, e sim dentro de casa, apenas acorrentada, consegui romper a corrente e fugir pelo sótão; mas ele foi mais rápido. Capturou-me rapidamente, porém nunca agiu com violência para comigo. Ele ficava irado. Gritava e me sacudia pelos braços, porém nunca me agrediu fisicamente. O máximo que ocorria era me dar um castigo. Me deixava trancada no quarto. Na segunda tentativa, eu cheguei perto da estrada. Estava esperançosa, mas ele pegou o carro e me capturou mais depressa que a primeira vez. Voltei chorando, e ele, sério. Nada me dizia. Apenas olhava-me com aqueles olhos verdes penetrantes. Ao chegar em casa, ele disse:

— Sarah, acho que já está na hora de lhe matar. — Disse desembainhando uma espada semelhante àquelas espadas de Samurai.

— Eu sabia. Sabia que isso aconteceria, por isso tentei fugir.

— Não. Eu não ia te matar. Mas você tentou fugir de mim.

— Não vou mais fugir, prometo.

— Não sei se devo! Posso confiar? — Meneou a cabeça, ergueu as sobrancelhas e olhou para a espada, guardando-a novamente.

— Pode! Por favor, me dê uma chance! — Dessa vez fui meticulosa. Tentei ganhar a confiança dele de todas as maneiras. Fique boazinha por muito tempo e calculei passo a passo a próxima fuga. Esperei bastante tempo. Foram 5 longos meses. Ele já confiava em mim. À noite conversávamos e ele se sentia à vontade comigo. Às vezes trazia algumas moças e as matava como sempre e, quando assim fazia, mantinha-me presa no quarto. Eu nunca vi uma pessoa sendo assassinada, apenas ouvia; porém, o número diminuía bastante. Um dia ele chegou bêbado e me ofereceu cerveja. Bebi junto

com ele. Conversamos, e ele acabou dormindo. Foi aí que parti para a minha tão planejada fuga. A terceira. Corri pela mata adentro. Era noite, estava escuro e frio. Eu corria muito, mas parecia estar perdida. Corri, corri, olhei para trás e de repente esbarrei numa árvore que me fez desmaiar. Acordei amordaçada e amarrada dentro da casa dele; transtornado me disse:

— Eu confiei em você. Você me traiu! Será que você não entende que todas elas morreram porque eram traidoras? Mereceram? Tentei argumentar, e ele então tirou a minha mordação. Respirei fundo, olhei para ele e disse:

— Ninguém merece morrer. Você não é Deus. — Disse com raiva.

— Não, eu não sou Deus, mas eu posso fazer justiça. Nenhuma delas era honesta. Você era, até então. Por que, Sarah?

— Meu nome não é Sarah! — Gritei chorando ao mesmo tempo.

— É sim. Seu nome é Sarah. — Disse-me gritando mais ainda e esmurcando fortemente a porta.

— Quem é Sarah? Alguma mulher que você amou, não correspondeu e você a matou? É isso?

— Não! Sarah é o nome da esposa que eu idealizei. Que me faria um homem novo e me daria vida nova. Seria tudo novo.

— Esposa? Eu? — Ri. — Eu só tenho 20 anos! Não pretendo me casar agora, ainda mais com você. Um assassino. Quem me garante que você não iria me matar se algum dia eu lhe “decepcionasse”?

— Não! Mesmo que você me ferisse eu jamais a machucaria. Disse sentando-se ao chão defronte a mim. Eu já lhe machuquei alguma vez? Vai fazer um ano que você está aqui e nunca fora descoberta. Eu já lhe machuquei? Responda?

— Não.

— Mas você me traiu três vezes e sei que vai me trair a quarta.

— Não. Não vou!

— Eu não confio mais em você.

— Por favor, só desta vez. — Tentei convencê-lo.

— Sarah, eu não vou te matar. Farei pior. Venha, levante-se e saia. Você está livre! Livre para voar! — Disse puxando meu braço e atirando-me para fora da casa.

Eu caí sentada, olhei ao redor, mal poderia acreditar no que estava escutando. Levantei, fui andando lentamente e comecei a seguir olhando para trás, assustada.

— Se você não quer ficar aqui, não vou lhe obrigar e nem vou mais lhe chamar de Sarah. Adeus, Sheryl.

Eu saí e ele ficou ali, imóvel. Fui andando e depois correndo, mas no meio do caminho tive uma ideia. Sabia que ele viria atrás de mim e me mataria por ter, sim, traído a sua confiança pela quarta vez. Ele não me deixaria viva até porque agora eu sabia onde era o seu esconderijo e, então, resolvi agir com perspicácia. Já estava na estrada, quando decidi voltar. Ele continuava lá. Agora sentado no chão, sem camisa, triste, bebendo cerveja e olhando para a parede. Quando ele me viu na porta, franziu o cenho e me disse:

— O que significa isso? Por que você voltou? Veio com a polícia? — Disse levantando-se bruscamente.

— Eu não sou falsa! Voltei porque prometi que não trairia mais a sua confiança. Desta vez voltei para ficar.

Ele veio até mim e me abraçou. Confesso que senti uma certa pena daquele homem por alguns instantes. Ele sempre enigmático, embora fosse um assassino. Um metro e noventa de altura aproximadamente, cabelos castanhos e lisos, aqueles olhos verdes penetrantes, mãos e rosto enormes, sim, o seu maxilar era único. Jamais havia visto um rosto como o dele, assemelhava-se a um anjo querubim. Se ele me desse sequer um empurrão, me desmorraria por inteira. Às vezes tinha receio em desafiá-lo. Ficaria por ali ganhando a confiança dele e elaboraria a minha quinta fuga, ou seja, a quarta, pois esta última não chegara a ser realizada.

— Você foi muito corajosa, eu não retornaria. — Disse a doutora Kate. Mas... Continue. Não quero interromper:

— Na verdade nem eu mesma entendi porque voltei para o meu cativado e confesso que só vim entender algum tempo depois. Os dias se passaram e eu sempre pensava em um jeito de fugir, já que ele confiava em mim plenamente. Tony Tramell era temido pelas mulheres, mas eu não o temia, mesmo sabendo que se tratava de um assassino perigoso. Eu estudei os seus medos e fraquezas. Ele era de uma carência extrema e uma sensibilidade única. Se eu quisesse, o teria matado, pois várias vezes ele dormira na sala, no sofá, e me pedia para que fizesse a sua comida. Ele me ensinou artes maciais, me ensinou a atirar e a manusear vários tipos de armas; poderia muito bem envenená-lo, sedá-lo ou até mesmo matá-lo com uma de suas armas, mas não o fiz. Com o passar dos tempos comecei a ver o Tony com

outros olhos. Ele não assassinava mais ninguém, pelo menos não que eu visse. Sorria, conversava comigo animadamente. Fazia comemorações festivas, comprava-me lindos vestidos e eu sempre o ajudava muito em questões diversas. Tínhamos uma amizade, sim, por incrível que pareça; criamos um imenso laço de amizade e fatalmente eu acabei me apaixonando por ele. Presa ali naquela casa, vi o quanto ele era especial. O quanto ele era sensível e o pior, ele me dissera que havia desistido de mim como esposa, que eu era melhor como amiga. Então eu perguntei:

— Você vai arranjar outra esposa?

— Por enquanto, não. Não tenho tido muita sorte com as mulheres.

— Mesmo sendo assim tão belo?

— Você me acha mesmo belo? — Gargalhou. — Há quem diga que eu pareço um monstro.

— Acho sim.

— Esse elogio me deixou melhor.

— Mas é verdade. Acho que você não tem sorte com as mulheres porque você quer o amor delas à força. Não deixa que ela te conheça por inteiro e veja a pessoa maravilhosa que você é.

— Eu? Maravilhoso? — Disse dando uma risada irônica.

— Sim. Você é. Nunca fui tratada com tanto carinho, com tanta admiração. Nem mesmo pelos meus pais.

— Você merece! És doce e inteligente.

— Obrigada!

— O que eu preciso fazer, então, para conquistar uma mulher? — Disse com brilho nos olhos. — Vamos, diga-me. — Arregalou os olhos, aproximando o rosto enorme do meu, me olhando sério e fixamente.

— Acho que nada. — Respondi com naturalidade.

— Nada?

— Na verdade, você já conquistou. Não sei se é esta mulher que você queria. Mas ela está na sua frente. Eu estou perdidamente apaixonada por você, Tony. — Disse como num impulso, sem pensar. Ao dizer isso, ele ficou surpreso, perplexo e atônito. Parou, respirou fundo e afastou-se um pouco. Coçou ligeiramente a cabeça e franziu o cenho. Pude ver nos seus olhos uma emoção diferente e um enorme embaraço que ele tentou disfarçar, mas não conseguiu. Era um misto de surpresa com felicidade e dúvida

ao mesmo tempo. Ele olhou para baixo, olhou para mim novamente e, respirando fundo, com os olhos brilhando, me disse:

— Você não sabe como eu esperei por isso. Como esperei ouvir isso um dia e sei que não é fingimento. Sei que daquele dia que você voltou, mesmo eu a tendo liberado, era porque você já gostava de mim, mas nem mesmo você sabia e eu já te amava desde a primeira vez que te vi. Eu vi em você a mulher que sempre idealizei para mim e não sei o porquê. Você não é como as outras. Hoje me arrependo do que fiz, de certa forma. Tanto é que desde que você resolveu ficar aqui eu não fiz mais, porém, sei que um dia pagarei por isso e da pior forma possível, no corredor da morte; mas hoje, ouvindo isso, morreria feliz.

— Eu chorei, me aproximei dele e o abracei fortemente. Ele também me abraçou e foi aí que aconteceu o nosso primeiro beijo e a nossa primeira noite de amor também. Mas isso eu não posso dar detalhes. Desse dia em diante éramos um casal. Louco e apaixonado. Eu vivi com o Tony um conto de fadas. Ele tinha, na época, 37 anos, e eu, 20. Ficamos ali, mas saberíamos que a qualquer momento poderíamos ser descobertos. Não podíamos ficar nos escondendo a vida inteira. Foi quando consegui falsificar a minha identidade com o nome de Sarah Young e com ele fui morar em Floyd. Lá tínhamos nossa casa, nosso carro e vidas novas. Ele sempre me chamou de Sarah, mas eu nunca conseguia chamá-lo pelo nome falso que ele usou para fugir comigo. Continuamos vivendo um conto de fadas quando logo descobri que estava grávida. Tony vibrou, chorou como criança e, quando a nossa filha nasceu, ele estava completamente apaixonado. Acompanhou tudo, da gravidez ao nascimento. Com ela deu os primeiros passos, ensinou-lhe a falar as primeiras palavras; tinha tanta paciência, mais até do que eu. Contava histórias para que a Valentina dormisse e, por sinal ele quem escolheu o nome, dizia que ela seria astuta assim como ele. Sabe, doutora, a Valentina está sofrendo muito. Ela ama o pai e eu também. Não vamos saber viver sem ele. — Disse com imensa tristeza.

A advogada escutava tudo com perplexidade e aperto no peito. Respirou fundo e disse:

— Síndrome de Estocolmo. Você, vítima, apaixonou-se pelo seu algoz e com ele formou uma família. Realmente, esta história é impressionante, mas você jamais poderá contar isso no tribunal, senão será condenada ou

pior, irá parar no manicômio judicial e aí jamais verá sua filha novamente. Sheryl a olhou emocionada, mas não poderia mentir, a mentira poderia ser a maior traição ao único amor de toda a sua vida; isto ela jamais faria:

— Doutora, infelizmente eu não posso trair o homem que eu amo e ainda mais mentir sobre algo que não aconteceu. De certa forma isso procede sim, nos primeiros meses, porém, depois aconteceu exatamente como estou lhe contando:

— Entendo, Sheryl. Mas isso irá te prejudicar. Tony Tramell está morto e sua filha agora é prioridade em sua vida.

Sheryl ficou nervosa e disse-lhe

— Não. Tony não está morto. Acharam o corpo dele? Não! Ele não está morto. Eu sinto isso.

— Digamos que ele realmente esteja vivo. Os crimes que ele cometeu foram imensos. Tony Tramell assassinou vinte e quatro mulheres por motivos desconhecidos. Sequestrou, estuprou e manteve uma vítima em cárcere privado por algum tempo. Ele não irá se safar da condenação. Irá para o corredor da morte ou passará o resto dos dias na cadeia. O seu depoimento não iria salvá-lo em nenhuma hipótese, mesmo que dissesse a verdade.

— Eu sei. — Disse abaixando a cabeça. — Mas eu estaria em paz por dizer a verdade e dizer que, de certa forma, eu operei uma mudança na vida deste homem e sinto-me feliz por isso.

— Sheryl, veja. Conseguirei o relaxamento da sua prisão. Você sairá em alguns dias e ficará na casa de seus pais com sua filha, esperando o seu julgamento. Você precisa falar exatamente o que eu vou dizer e jamais entrar em contradição. Do contrário, ocasionará a perda de sua filha. Se as pessoas virem você como vítima, você será inocentada, mas se elas a virem como cúmplice de um assassino em série, você será condenada e viverá longe de sua filha. Sei que você ama o Tony Tramell, apesar de todos os crimes que ele cometeu, mas agora você precisa pensar em si e principalmente na Valentina. Ela precisa de você mais do que nunca, já que perdera o pai e principalmente por ser fruto de uma história tão surreal. Sheryl prometeu pensar. Retornou para a sua cela e a advogada seguiu. No carro, a doutora Kate Whells pensava na história absurda que acabara de ouvir de sua cliente. Aquilo não lhe saiu da cabeça o dia inteiro. Em toda a sua carreira de advogada jamais ouvira algo tão estonteante, tão perturbador. Sim, aquilo real-

mente mexera com ela, de fato. Em sua cela, Sheryl parecia apática. As suas colegas de cela eram complacentes com o seu sofrimento e ao contrário do que sempre se passa, pareciam compadecidas com o choro da colega. Uma delas, Therese, condenada pelo assassinato do marido, lhe perguntou:

— Choras pela sua filha?

— Por tudo. Por ela, pela morte do único homem que eu amei. Por que as coisas tinham que acabar assim? Por quê?

Therese a abraçou e disse:

— Calma criança! Tudo irá se resolver. Tudo irá se resolver...

Os dias se passaram e a doutora Kate Whells conseguiu, enfim, o relaxamento da prisão de Sheryl. Finalmente ela retornaria para a casa de seus pais e iria ao encontro deles e da pequena Valentina. Ao chegar, ela correu em direção ao portão e abraçou a filha com bastante emoção. Ela a olhava emocionada e não podia deixar de perceber a semelhança com o seu pai. Valentina cada dia mais se parecia com Tony. As bochechas rosadas, os olhos esverdeados e os cabelos pretos como a graúna. A carinha de anjo que ela tinha, a boca fina e desenhada. A maneira idêntica de sorrir abrindo os olhos e franzindo o cenho, como seu pai costumara fazer. Os detalhes eram milimetricamente idênticos e isso fazia Sheryl lembrar mais ainda do seu amado com toda a sua alma. Segurando a pequena nos braços, entrou em sua antiga casa, cumprimentou seus pais que a olharam felizes pelo seu retorno e sentou-se no sofá. Sua mãe, Ellen Madison, a olhou e disse:

— Quer conversar?

— Não. Preciso tomar um banho e descansar.

— Vá querida. Você deve estar muito abalada. Nós também estamos. Mas graças a Deus você está viva, e o melhor, nos trouxe esta joia rara. A minha neta é uma criança especial, embora tenha sido fruto de um estupro. Lamento, filha. Estou aqui para lhe ajudar no que preciso for. Sheryl suspirou e correu em direção ao seu quarto. Jogou-se na cama e chorou mais uma vez. Seus pais, até então, não sabiam o que realmente havia se passado, de fato, com ela. Achavam que ela teria sido capturada, estuprada e mantida em cárcere privado por todo este tempo. Ela não pensava em contar a verdadeira história aos pais, pelo menos não por agora. Pensou bastante no que a advogada havia lhe falado e o seu julgamento demoraria um pouco para acontecer, isto lhe faria ganhar tempo para fazer o que fosse melhor para ela

e para a pequena Valentina; mas, de certo, ainda não estava sabendo lidar com toda aquela história. Seguiu para a toaleta, tomou um banho quente e depois um café. Não quisera comer nada, já que estava ansiosa o bastante para isso. Brincou um pouco com a sua filha e depois fora tentar dormir, atordoada com os pensamentos, consumida pela dúvida, ela se entristecia ao lembrar de Tony e dos momentos breves, porém únicos que vivera com ele.

O dia amanheceu e Sheryl despertara ainda abalada, porém, mais disposta. Saiu com a pequena Valentina, depois voltou para casa e resolvera matricular-se em uma academia de artes marciais já que adorava praticá-las, coisa que Tony a ensinou bem. Resolvera dar continuidade a algo que ela amava e que, de certa forma, seria uma terapia para ajudá-la a superar tudo que havia passado até então. Suas aulas eram à tarde, já que durante o dia estava acertando um emprego como secretária em uma clínica. Os dias passavam e Sheryl pensava em retomar os estudos para retornar à faculdade, já que também amava estudar o comportamento humano. Mas isto seria mais para frente, após sua vida ir, aos poucos, retomando seu devido lugar. Um dia, Sheryl voltou para casa à tardinha, e percebeu que seus pais e a pequena Valentina não estavam em casa. Ela abriu o portão, a porta principal, e chamou:

— Mãe, pai, querida (referindo-se à Valentina)... Há alguém em casa? Como não houve resposta, ela entrou, fechou a porta e colocou a mochila em cima do sofá. Seguiu para o seu quarto e viu que havia deixado a janela que dava para o quintal, aberta. Caminhou na direção desta e a fechou; quando algo caiu no seu quarto, ela olhou assustada e viu que era Spike, o gato grande e gordo da sua mãe. Sheryl o pegou no colo, levou-o para a cozinha e lhe deu algo para comer. Quando ela estava agachada, viu, pela visão periférica, que havia alguém dentro da sua casa; ela levantou as vistas vagarosamente e mal pôde acreditar no que vira. Tony estava em pé diante dela. Ela pensou ser um fantasma. Levantou-se apressadamente, quase caindo no chão, e o encarou. Ficaram frente a frente e ela disse:

— Tony. É você? Não! Eu não estou acreditando no que vejo. — Esfregou os olhos com as costas das mãos e olhou novamente para aquele homem extremamente alto, de roupas e botas pretas, parado e sorrindo para ela, enquanto lhe dizia:

— Você só saberá se sou eu se vir aqui me dar um abraço.

Sheryl correu em direção a ele, e atirando-se em seus braços, o apertou fortemente que, por sua vez, a beijara repetidas vezes:

— Tony, meu amor! Eu sabia que você estava vivo. Eu sabia que nunca iria me abandonar. Eu te amo tanto! — Ele a segurava fortemente enquanto correspondia aos seus beijos e dizia:

— Eu também te amo, minha linda! Como esperei por isto. Como esperei por esta recepção. Sabia que o nosso amor sempre fora verdadeiro e sabia que você estava sofrendo, assim como eu também. Mas foi necessário. Precisei fingir-me de morto e sair de cena. Sei que fui errado em não te falar, mas eu não pude. — Sheryl sorriu, desceu dos seus braços e disse:

— Eu compreendo, meu amor; mas venha. — Disse puxando-lhe pelo braço. — Vamos sair daqui para não termos uma surpresa desagradável, vamos para o meu quarto. Subiu as escadas apressadamente, segurando a mão enorme de Tony, entrou no quarto com ele e trancou a porta. Começou a tentar falar, a fazer planos para que eles ficassem juntos, mas foi interrompida por ele, que a abraçou pela cintura, e beijou-lhe o pescoço e todo o seu rosto, enquanto ela já não mais falava... Apenas murmurava e perdia-se entre palavras e suspiros e, então, deixou-se levar pela emoção do reencontro, entregando-se por inteira àquele homem que sempre fora o seu grande amor. As roupas de ambos caíam aos poucos, lentamente, e ela, sendo levada para a sua cama nos braços daquele homem, não podia resistir a tal furor daqueles olhos verdes e enigmáticos. Os beijos agora eram mais intensos e incessantes. Sheryl nem se importava mais com a hora e nem sabia se seus pais chegariam em casa ou não, apenas se entregava de corpo e alma àquele homem que ela, por nenhum momento, conseguira esquecer; agora ele estava ali. Se fosse um sonho, que fosse bom enquanto durasse, e assim ela o fez. Lágrimas corriam-lhe sutilmente pelos olhos ao chegar deliberadamente ao êxtase, este proporcionado pelo seu amor, enquanto, olhando-o fixamente, murmurava:

— Eu amo você, Tony.

— Eu também amo você, Sarah! Minha Sarah. — Disse também com uma lágrima escorrendo-lhe pela grande face.

Depois disso, abraçou-a fortemente, beijou-lhe e caiu desfalecido no seio da amada. Após o reencontro, Sheryl contou a Tony o que aconteceu. Ela fora presa e recebera a visita da advogada, doutora Kate Whells e, então,

lhe disse como a advogada lhe havia instruído, mas que ela não faria isso em nenhuma hipótese. Tony levantou-se bruscamente, sentou-se à cama e disse:

— Sarah, a advogada está certa. Você precisa contar exatamente isso.

— Mas isso será a sua ruína, Tony. Eu não posso ser a causadora disso.

— Meu amor, veja. Eu já estou arruinado. — Concluiu.

— Mas se eu inventar uma coisa absurda dessa, sua pena poderá aumentar e as coisas podem piorar bastante.

— Não. As coisas não têm como piorar. Eu irei pagar por todos os meus crimes. Se a polícia me pegar, eu serei preso, condenado e executado. Com toda a certeza. Não existe nada que ninguém possa fazer para me ajudar. Eu sou um assassino e, se for pego, pagarei pelos meus crimes. Você sabe como as nossas leis são rígidas e não existe advogado neste mundo que consiga reduzir a minha pena por tais atrocidades que cometi.

Sheryl ficou triste, abaixou a cabeça e respirou fundo, enquanto Tony continuava:

— Eu terei que pagar pelo que eu fiz, mas você, não. Você não fez nada. Apenas se apaixonou por mim. Você não é cúmplice dos meus crimes.

— Não é isso que a polícia pensa.

— Justamente! Ninguém sabe o que aconteceu realmente entre nós durante esses quatro anos que você ficou comigo, somente nós dois.

— Tony, eles estão alegando que fui estuprada por você. Que a Valentina é o fruto de um estupro. Isto não é verdade.

— Eu sei, você sabe, mas eles não. — Disse levantando-se da cama e vestindo lentamente as roupas. — Querida, presta atenção: se você disser o que a doutora Whells sugeriu, pode haver uma chance para nós.

— Como?

— Você ficará na posição de vítima. Não será condenada. Se você alegar que, durante esses quatro anos fora mantida como minha refém em cárcere privado, estuprada e ameaçada, o júri vai lhe considerar inocente e você não será presa, muito menos condenada.

— Tony, não é tão simples. Aqueles policiais foram até a nossa residência em Floyd e viram como vivíamos. Eu não estava em cárcere privado, eles viram.

— Sim, minha querida, mas isso será a palavra deles. Se a doutora Whells for convincente, e você firme no que ela lhe instruir, isso não vai acontecer.

— Eu não posso fazer isso, Tony. Me desculpe! — Tony se recompôs, sentou-se novamente à cama e, segurando suavemente os dois braços da amada, disse-lhe.

— Sarah, se você disser a verdade, que ficara como refém apenas um ano e depois disso passou a conviver comigo, a me amar e a me aceitar como eu era, eles poderão alegar duas coisas, insanidade ou cumplicidade de assassinato.

— E o que acontecerá comigo?

— Você será presa caso seja acusada de cumplicidade, ou internada em um manicômio judicial se for considerada insana. Veja, nas duas hipóteses você estará presa e, se você for presa, aí sim a nossa vida acabará. Eu não poderei colocar em execução um plano para que possamos ficar juntos e sermos felizes. Eu, você e a nossa filha. Você precisa estar em liberdade, inocentada e de preferência como vítima. Será o fim se você for presa. De certa forma, eles não têm certeza que estou morto. Meu corpo nunca foi encontrado e eles são espertos. Confesso que ter vindo até aqui foi um risco imenso, mas eu não poderia lhe deixar sofrer, apenas vim para dizer que estou vivo.

— Ah, meu amor, este foi o melhor presente que pude receber hoje.

— E saber que você me ama foi o meu. Porém, não coloque tudo a perder. Quando será o seu julgamento?

— Daqui a dois meses.

— Então, tentarei permanecer escondido e sempre irei lhe visitar. Por motivos de segurança não irei lhe revelar o meu esconderijo, até porque seria extremamente perigoso você ir ao meu encontro. Valentina não pode saber que estou aqui, pelo menos por enquanto. Ela é apenas uma criança e as crianças não sabem mentir como nós.

— Eu sei.

— Eu a amo e estou sofrendo muito por estar longe dela, mas, por segurança, é melhor ela não saber por ora, você entende?

— Sim, entendo. Mas... Qual é o plano, Tony? Eu preciso saber.

Ao dizer isso, ouviu a porta da sala se abrir e, pelo barulho, viu que seus pais haviam chegado com Valentina; ela, muito assustada, correu mais que depressa para verificar se a porta do seu quarto estava realmente trancada, enquanto vestia as roupas apressadamente. Lembrou-se do banheiro que havia no seu quarto, mas alguém poderia entrar, então olhou para o teto e

viu o sótão, mostrando para Tony que o abriu rapidamente e lá se escondeu, enquanto ela ouvia passos na escada:

— Sheryl... Sheryl você está em casa? Responda!

— Sim... Sim, mãe! Estou tomando banho. — Correu para o banheiro e abriu o chuveiro rapidamente.

— Por que a porta está trancada? Você está bem? — Disse forçando a maçaneta.

— Sim, mãe, está tudo bem. Apenas tranquei por precaução.

— Tudo bem. Estarei lá embaixo preparando o jantar. Desça assim que terminar, Valentina quer lhe mostrar algo que seu pai comprou para ela.

— Tudo bem, já estou terminando. — Entrou no chuveiro e tomou um banho de verdade para que ninguém percebesse, enquanto Tony permanecia no sótão imóvel. Ela abriu o sótão, subiu e lhe disse:

— Tony, aconteça o que acontecer, não saia daí.

— E agora? Como sairei daqui? Não posso ficar aqui, é arriscado.

— Eu sei. Calma, darei um jeito. Mas, pela hora, creio que você terá que passar a noite aqui.

— Não, Sarah. Querida, veja, eu adoraria. Mas não existe possibilidades e...

— Não posso falar agora. Se eu demorar, minha mãe vai desconfiar. Fique aí que eu já volto. Olhou para ele e soltou um beijo, descendo em seguida.

Sheryl chegou à cozinha e, talvez, por mera desconfiança, achou que os seus pais a olhavam como se soubessem de algo, mas isto seria impossível. Procurou agir com naturalidade, mas sua mãe parecia, sim, estar percebendo algo e lhe perguntou:

— O que está havendo, Sheryl? Você parece assustada.

— Não, nada. Estava apenas preocupada com a faculdade.

— E, por falar nisto, já decidi quando vais voltar?

— Ainda não. Era justamente sobre isso que eu estava pensando. Sentou-se à mesa, jantou, ficou um tempo por ali e logo subiu. Lembrara de Tony e pensou em levar-lhe algo para comer. Já fazia mais de uma hora que ele se encontrava no sótão, mas tinha que ser discreta para que os seus pais não percebessem, e, também e principalmente, a pequena Valentina. Quando seus pais foram para a sala de estar, Sheryl rapidamente pegou alguma comi-

da e subiu apressadamente para não ser percebida. Entrou no seu quarto, fechou a porta, trancou-a e lentamente abriu o sótão. Tony estava tenso e assustado, porém sua amada lhe trouxe a comida, conversou rapidamente com ele e desceu em seguida para que seus pais não desconfiassem. Ficou por ali um tempo e, logo em seguida, foi para o seu quarto com a pequena Valentina, que conversara um pouco com ela:

— Mamãe, o papai vai voltar?

— Vai, filha. Está perto do papai voltar, mas você não pode contar isso a ninguém, certo?

— Por quê?

— Porque senão os homens maus pegam ele e aí nós nunca mais o veremos. Nós não queremos isso, não é?

— Não.

— Então, este será o nosso segredo.

— Tudo bem. — Disse rindo-se e apertando os olhos. Tony escutava tudo do sótão emocionado. Tinha vontade de descer dali, pegar a filha nos braços, beijá-la, apertá-la e lhe dar muitos mimos, mas sabia que não poderia fazer aquilo. Passados alguns minutos, a pequena Valentina dormiu e Tony finalmente pôde descer do sótão. Ficou ali mais algum tempo, mas, quando se deu conta, era quase meia-noite: hora perfeita para ele sair sem ser percebido. Deu mais um beijo em Sheryl, outro na pequena Valentina que dormia profundamente, e saiu pelo mesmo lugar que entrou: a janela do quarto de Sheryl. Aquela noite custou a passar para Sheryl. Ela estava feliz e ao mesmo tempo tensa. Sorria enquanto alto pensava:

— Tony está vivo! Meu Tony!

Passaram-se alguns dias e agora faltava muito pouco para o julgamento de Sheryl. Ela estava disposta a mentir para garantir a sua absolvição, mas continuava dividida e, principalmente, com medo de errar pelo fato de estar mentindo. Porém, haveria de concordar com o Tony e com a doutora Kate, precisava mentir para que pudesse, enfim, viver feliz com a sua filha e o homem que ela amava. Tony, sempre que podia, vinha visitar Sheryl, do mesmo modo. Às vezes, à tarde, pois esse horário era muito difícil alguém estar em casa. Num desses dias, Tony chegou, sentou-se com Sheryl à mesa da cozinha onde faziam um lanche e conversavam. Foi então que ele começou a colocar seu plano em ação:

— Meu amor, veja. Nós nunca poderemos ser felizes aqui, ou em qualquer outro estado do país. Sim, moramos em Floyd por muito tempo, mas fomos descobertos.

— Sim, eu sei. E o que faremos? — Perguntou assustada.

— Nós teremos que sair do país.

— O quê?

— Você estaria disposta a isso?

— Tony, como sairemos do país? Para onde iremos?

— Escuta. Eu tenho um amigo, que é como um irmão para mim. Nós conhecemos na prisão, quando cometi um pequeno delito há algum tempo atrás. O nome dele é Sergei Adamovic. Eu não me lembro qual a razão dele ter sido preso. Sei que faltava um tempo para a sua extradição e fizemos amizade na prisão. Sai antes dele, mas através de algumas amizades influentes, consegui tirá-lo de lá antes do tempo.

— Uau!

— Ele me agradeceu muito e disse que se algum dia eu precisasse dele para alguma coisa, ele estaria disposto a me ajudar. No que fosse.

— Ele sabe que você assassinou 24 mulheres?

— Não sei. Creio que sim. Meu rosto apareceu em todos os jornais e programas de televisão dos EUA e talvez do mundo.

— E se ele for hostil com você?

— Não. Não será, meu amor! Eu vou entrar em contato com ele e contar apenas o necessário. Sei que correrei um risco, mas se não arriscarmos, jamais saberemos.

— Ele pode te entregar.

— Eu sei! Mas só saberemos se tentarmos.

— Isso é verdade! — Afirmou.

— Não podemos ficar a vida inteira nos escondendo. Se você sair daqui sozinha todos irão desconfiar. Podem até colocar alguém em seu rastro e aí, então, tudo estará perdido.

— Não fala isso nem de brincadeira. Eu não sei viver sem você, Tony.
— Disse olhando-o fixamente e segurando em seus braços.

— Jamais! Você nunca irá me perder, meu amor. Mesmo que eu morra, estarei sempre ao seu lado. Eu prometo.

Fez-se um silêncio, e Sheryl abaixou a cabeça para chorar.

— Não! Não chora meu anjo. Venha cá. — Disse trazendo-a para per-

to de si. — Veja. Para todos os efeitos eu estou morto. Tony Tramell está morto! Eles não irão procurar por alguém que já morreu, ao menos sem que se tenha uma pista de que esse alguém possa estar vivo.

— Tony. Eles nunca acharam o seu corpo. Você acha que eles acreditam piamente que você esteja mesmo morto?

— Eu sei que não! E sei que não vão descansar enquanto não encontrarem o meu corpo, ou a mim. Por isso não há saída. Temos duas opções. Ou viveremos assim, às escondidas, até sermos descobertos, ou arriscamos uma vida fora desse país com a possibilidade de a reconstruirmos, pelo menos por um tempo bem mais longo. Mas eu só poderei tomar toda e qualquer decisão se você concordar comigo. O que você me diz?

— Tony, isso não têm a mínima chance de dar certo. Como iremos? Seremos descobertos. Meu amor, a sua aparência é única. Você tem traços marcantes e completamente notórios a todos. Não há possibilidade de sairmos do país.

— Existe sim. Eu irei antes. Clandestinamente. Você só precisa de uma identidade falsa e o resto lhe instruirei melhor após conversar com o Sergei.

— E se for uma furada, Tony? Seremos presos no ato.

— Meu amor, é um risco! Você aceita ou não?

— Estou muito receosa. Não vou mentir. Mas com você eu vou até para o fim do mundo se preciso for. Somos uma família e precisamos ficar juntos. Até que a morte nos separe. — Tony sorriu de modo tenro, e, apertando os olhos e suspirando, respondeu:

— Nem isso, meu amor. Nem a morte irá me separar de você. Pois onde quer que você esteja, eu estarei ao seu lado. Sheryl o beijou e, quando começaram a dar intensidade aos beijos, escutou alguém batendo à porta. Tony levantou assustado e correu para o quarto de Sheryl, esta foi se recompor, enquanto gritava:

— Espera um momento. — Quem é?

— Oficial Jones White.

Sheryl entrou em pânico. Pensou no ato que o oficial teria visto Tony entrar e que iria pegá-lo, porém tentou manter a calma. Abriu a porta e perguntou:

— O que deseja, senhor Jones?

— Podemos conversar?

- Sobre o quê?
- Conversa de rotina apenas.
- Senhor Jones, tudo que eu sabia disse na delegacia. Creio que não tenha mais nada a dizer.
- Calma, senhorita. Quero apenas conversar.
- O jovem oficial, que parecia ter seus 28 anos, olhou para Sheryl com brilho nos olhos e, ela percebendo que não seria nada sobre Tony, ou melhor, quase nada, resolveu deixá-lo entrar:
- Oficial, entre, mas seja breve. Eu preciso sair.
- Não tomarei seu tempo, prometo.
- Tony estava tenso no quarto de Sheryl e tentava ouvir o máximo que pudesse daquela conversa, segurando a pistola que havia trazido consigo por precaução.
- Senhorita Sheryl, ouvimos rumores de alguém muito parecido com o Tony Tramell ter sido visto aqui na cidade, a senhorita sabe de algo?
- Como? Desculpa, mas acho que não entendi direito. O Tony? Por aqui?
- Não temos certeza. Uma pessoa foi ontem à delegacia e afirmou ter visto o Tony Tramell por aqui. Creio que, se ele aparecesse, a primeira pessoa que ele iria procurar seria a senhorita, correto? Pois vocês têm uma filha em comum.
- Isso é loucura! Tony está morto. Agora todo mundo acha que vê tudo. Isso é realmente o cúmulo do absurdo.
- Foram apenas rumores. Apenas quis saber se a senhorita não ouviu algo. — Disse com um olhar insinuador.
- Não. Não ouvi nada a respeito. A minha vida é muito agitada. Veja, agora mesmo, por exemplo, já estou de saída. Algo mais, senhor?
- Não. Desculpa. Não quis incomodá-la. Sei que já sofrera demais com toda essa situação.
- Exatamente. — Disse franzindo o cenho.
- Senhorita. Eu poderia lhe fazer um convite?
- Que tipo de convite?
- Aceitaria jantar comigo amanhã à noite?
- Desculpa. Não posso.
- Por que não?
- O que o senhor quer? Uma investigação mais formal?

— Não. De jeito nenhum! Apenas iniciar uma amizade. Não tocaremos no assunto Tony Tramell, isto é uma promessa.

— Olha, senhor Jones, não estou confortável com esta situação e acho que o senhor deveria entender, já que foi um dos oficiais que realizou a minha prisão na Virgínia. Não existe clima para isso. Não estou apta a novas amizades e muito menos a convites como estes. Não por agora.

— Entendo. Mas vou deixar o meu cartão. Se a senhorita mudar de ideia, é só ligar.

— Tudo bem! Tenha uma boa tarde. — Disse fechando a porta e olhando pela janela até ver que o oficial entrava na viatura e saía. Sheryl era uma linda mulher e, sim, qualquer homem se interessaria por ela, mesmo que fosse o oficial envolvido no caso Tony Tramell. Desde a primeira vez que viu Sheryl, encantou-se por ela, mesmo envolta naquela situação inusitada e incompreensível aos olhos de muitos. O oficial Jones desejava descobrir o paradeiro de Tramell e prendê-lo o mais rápido possível para pôr um final nessa história, porém, ele não sabia que isso só despertaria o ódio de Sheryl por ele, pois Tony era, sim, definitivamente o homem que ela amava. Quando o oficial saiu dali, Tony desceu as escadas do quarto de Sheryl, armado e furioso. Segurava a pistola na mão direita e tinha rubor no rosto, olhos abertos e respiração ofegante. Fora até a sua amada e lhe disse:

— O que este maldito queria com você? Eu escutei tudo lá de cima e me controlei para não o matar aqui mesmo.

— Ah, meu amor. Está com ciúmes? — Disse rindo-se.

— O que você acha? Eu escuto um cretino lhe convidando para sair e não posso fazer nada. Ao menos socar-lhe o rosto.

— Calma, meu amor! Ninguém vai me roubar de você. É você quem eu amo e isso ninguém vai mudar.

O rubor na face do Tony ia desaparecendo e o semblante irritado ia dando lugar a um sorriso ténue e cheio de felicidade. Os olhos verdes dele brilhavam como esmeraldas e, abraçando a sua amada, lhe disse:

— Isso é o que me conforta e me dá forças para seguir adiante. Pelo seu amor, pelo amor da nossa filha.

— Sim. Eu o amo muito, mas, veja, precisamos ter cuidado, Tony. Ele afirma que uma pessoa vira alguém muito parecido com você. Nós sabemos que, encontrar uma pessoa parecida com você é um fato deveras irreal. Você

tem características únicas. Se alguém disse isso, foi porque, de certa forma, você se descuidara ao vir me visitar.

— Mas não é possível! Eu ouvi quando ele disse isso e fiquei intrigado.

— Sim, eu fiquei intrigada também e, mais do que isto, extremamente preocupada. Tony, se te descobrem estamos perdidos. Você será preso e provavelmente executado. Serão três vidas destroçadas. A sua, a minha e a da nossa filha, pense nisso.

— Sim, meu amor, você está certa. O que devo fazer agora?

— Mude de esconderijo e fique uns dias sem vir me ver.

— Mas isso será péssimo.

— Sim, para mim também. Mas não podemos correr este risco. O que você prefere? Ficar uns dias sem me ver ou ser preso e não me ver mais? Tony, eu não quero nem pensar nisto. Me causa dor e sofrimento por antecipação.

— Eu entendo, minha querida.

— Veja, o meu julgamento é semana que vem. Se eu for inocentada, estarei livre e assim poderemos colocar o nosso plano em ação. Fugir para a Rússia. Lá, será identidade nova, vida nova, recomeço... Eu não queria que fosse assim. Queria que a justiça lhe desse uma segunda chance, e nós, assim, vivêssemos livres, perto dos meus pais, sem precisar nos esconder; mas infelizmente as coisas às vezes fogem do nosso entendimento.

— Você merecia um homem melhor que eu, não um assassino. — Disse baixando os olhos.

— Não diga isso nunca mais, ouviu? Nem de brincadeira. Tony, no começo eu também achava isso de você. Eu tinha medo pelo que eu sabia, mas de certa forma não era o que eu sentia. Sei que as coisas foram tomando rumos inusitados e incompreensíveis aos olhos de quem quer que fosse. Ninguém entenderia o meu sentimento por você. Algumas pessoas diriam que era carência por estar tanto tempo presa, outras diriam que a minha insanidade houvera aflorado, mas eu e você sabemos o que nos une. Nós sabemos que realmente nos amamos e isso é o que importa.

— Eu sei, meu amor, mas...

— Não! Interrompeu. — Não me diga nunca mais que eu merecia um homem melhor. O homem que eu quero está aqui na minha frente, com todos os erros, com todas as condenações e com todo esse amor verdadeiro que pulsa aí dentro e sei que é por mim.

— Você é única, Sarah! Minha Sarah! Eu te amo incondicionalmente...

— Eu também. Agora vá. Daqui a pouco vai escurecer e meus pais chegarão. Se eles virem você aqui, estaremos perdidos. Mude o seu esconderijo, faça como te falei e fique por lá uns tempos. Tony, pelo amor de Deus, tome cuidado. Eu não estou com um bom pressentimento.

— Calma, meu amor, eu sou muito astuto.

— Eu sei, isso me tranquiliza mais. A sua astúcia é realmente impecável.

— Treinamento de guerrilha, madame! — Disse ironizando.

— Sim, senhor. Fez um gesto de continência e sorriu. — Agora vá, senhor guerrilheiro. Vá, esconda-se muito bem e só apareça aqui na sexta-feira da semana que vem, pois o meu julgamento será na quarta-feira que a antecede e assim faremos um plano de guerra para a nossa fuga. — Riu-se

— Certamente. Falarei com Sergei e, quando vier aqui, já terei a resposta.

— Cuidado com o quê você fala e como você fala. Ele pode lhe entregar à polícia. Seja melindroso e meticuloso.

— Sim, senhora. — Agora foi ele quem fez continência.

Sheryl sorriu e, ficando na ponta dos pés, beijou-lhe e disse:

— Agora vá e... Comporte-se, hein? Não quero saber do senhor em bares pela madrugada flertando com as garotas de Springfield. — Riu-se

— Jamais! Franziu o cenho. — Queria matar aquele maldito oficial que estava querendo lhe seduzir.

— Seduzir-me? — Gargalhou. — Nunca! Eu só tenho olhos para você, senhor Tramell. — Disse acariciando-lhe a grande face.

— E eu para você, minha doce garota!

— Vamos! Já está tarde. Olha... Eu te amo!

— Eu também te amo.

— Contando os dias...

— Contando os minutos...

Assim, Tony saiu às escondidas. Sheryl sentou-se à mesa, suspirou e os risos da tarde agradável com o Tony davam lugar a um semblante mais preocupante. Sentia um frio no estômago quando se lembrava de coisas como o seu julgamento e a sua fuga, mas estava decidida a isso. Seria a única maneira de recomeçar uma vida ao lado do seu grande amor e de sua filha. Seria a única maneira de ser feliz.

Capítulo 2

Finalmente chegara o dia do julgamento de Sheryl. Ela estava nervosa e apreensiva, porém, confiante. Instruída pela sua advogada, teria que mentir para conseguir sua liberdade, mesmo que provisória, pois esses processos costumavam ser longos e enfadonhos, devido às constantes investigações e contradições de algumas testemunhas. Sheryl estava arrumada e partiu. Esperava ser questionada. Estava tensa, nervosa e insegura. A doutora Kate tentava deixá-la o mais calma possível e então iniciou-se. Era notório a todos ali presentes a apreensão de Sheryl, mas muita gente entendeu que foram emoções causadas devido ao sofrimento. O promotor começou a fazer perguntas constrangedoras a Sheryl e ela respondia apreensiva. A advogada, à data vênia, interrompia, alegando abuso em razão das perguntas serem constrangedoras; a pior de todas foi esta:

— Senhorita Madison, por que a senhorita trocou a sua identidade? Por que todos em Floyd a conheciam como Sarah Young?

— Eu fui obrigada a isso. — Respondeu prontamente.

— Será? Dois oficiais aqui presentes, o senhor Jones White e o Tenente Oliver Stuart, oficiais estes que realizaram a vossa prisão em Floyd, não afirmam ter visto isso. Muito pelo contrário. Eles afirmam que a senhorita vivia com o Anthony Tramell de livre e espontânea vontade, como um casal aparentemente normal.

— Protesto! — Disse a doutora Kate. — O senhor está coagindo a minha cliente.

— Protesto indeferido, prossiga. — Disse o juiz. O promotor então pediu que fossem apresentadas as testemunhas. O tenente Oliver Stuart foi firme em seu depoimento e disse tudo que vira ao realizar a prisão de Sheryl, porém, o oficial Jones White entrou em contradição quando viu o olhar desta. O sentimento falou mais alto e ele não sabia ao certo se a Sheryl estava com o Tony Tramell de livre e espontânea vontade, ou se estava por coerção. Isso foi o que bastou para o veredicto das testemunhas. Houve um tempo para uma pausa e o julgamento procedeu normalmente. Após testemunhas ouvidas, o juiz então deu a sentença: